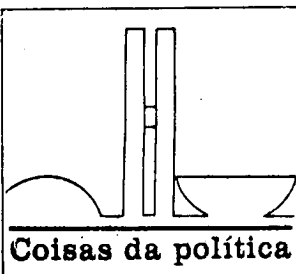


A reforma inevitável

PARA os que querem as mudanças já — novo slogan nacional após a derrota da emenda Dante de Oliveira — esta sucessão, em si, já tem sido um prato feito. De tão peculiar para os parâmetros brasileiros dos últimos 20 anos, implodiu num enxame de candidatos, reciclou amizades políticas consideradas sólidas até então e tornou irreversível a tendência da reformulação partidária. Líderes incontestes de antes já não são tanto hoje, lideranças estritamente regionais ganharam súbita dimensão nacional e eis que o Brasil vai bater às portas de 1985, não sob a realidade da eleição de um novo Governo, mas de toda uma readaptação do seu quadro político, ganhe quem ganhar no Colégio Eleitoral de janeiro.



Coisas da política

Em torno de cada um dos **presenciáveis** de antes e de agora — exceto Hélio Beltrão, que se retirou prematuramente da disputa — formou-se um núcleo ideologicamente mais nítido, ao contrário das atuais frentes formalizadas como partidos. Já não se fala mais — ou fala-se menos, apenas em respeito, exatamente, ao formal — em PDS e PMDB. O que está valendo hoje, nas análises ou em qualquer conversa de botequim? Os malufistas, os andreazzistas, a Frente Liberal, a denominação genérica de esquerdas do PMDB, os tancredistas, etc. Todos eles foram núcleos que, como os da geometria, em determinados momentos se encontram. Nem todos, contudo, terão consequência no tempo e no espaço político. São os circunstanciais, organizados com fins exclusivamente eleitorais, como o que se forjou em torno da candidatura do Ministro Mário Andreazza. Os malufistas reuniram-se em torno do Deputado paulista Paulo Salim Maluf, num primeiro momento, por métodos de aliciamento e atração bem testados, com êxito, em São Paulo. Mas no momento seguinte, houve uma aproximação natural movida quase que exclusivamente por identidade de posições e visão política, como a que atingiu em cheio o carioca Amaral Neto e o goiano Siqueira Campos. Eis, portanto, um agrupamento que, esquecida a sua periferia, tem um perfil. Para os lados do Vice-Presidente Aureliano Chaves e do Senador Marco Maciel, debandaram-se os que não se encaixavam nesse perfil ou que reagiam ao continuísmo do Governo Figueiredo, via Andreazza, e que, não a troco de nada, estão sendo chamados agora de liberais.

A candidatura Maluf produziu, assim, o segmento malufista, com boas chances de sobreviver à própria sucessão, mesmo na hipótese de derrota, o segmento liberal vai se

organizando devagar e já sob a síndrome da disputa interna — Maciel ampliando espaços e adquirindo bases, com Aureliano estagnado no Gabinete da Vice-Presidência ou no Palácio do Jaburu — e a candidatura Tancredo deixou de ser de fato, uma pretensão pemedebista para se transformar em promessa de um Governo de transição com apoio de uma aliança democrática transcendente a um só partido. Dessa aliança explodirá, seja agora, seja depois da eleição do próximo ano, o Partido Liberal, mantida essa sigla ou escolhida uma outra. E a previsão, neste momento, é de que parcelas do próprio PMDB, em especial nas bases estaduais, bandeiem-se para a sigla que surge. A conclusão é de que a frente do PMDB poderá ser novamente expurgada de seu lado pepista para retornar à origem pós-reformulação partidária (a de 1979), com delineação à esquerda de seu próprio parâmetro atual.

Nessas mexidas — vale repetir — o único grupo fadado à autodissolução é o andreazzista. Esse universo, criado sob a circunstância única e exclusiva da sucessão presidencial, tem o vício de ter se aglutinado em torno da máquina governamental personificada na figura do Ministro do Interior. Para ele convergiram os costumeiramente reticentes à dissidência — configurada desde logo pelo Deputado Paulo Maluf, um candidato que ao longo do tempo pode até ter vencido algumas resistências, mas foi sabidamente mal recebido pelo Governo — outros ávidos pelo poder, atraídos pelas boas margens de chances na largada, e uma série de avulsos pouco identificados com qualquer das opções pedessistas, como o Senador Marcondes Gadelha. Um leque aberto demais, assim, para se unir para o “todo o sempre” da política nacional.

Se Andreazza vencer a convenção do PDS no próximo sábado, e se continuar surpreendendo e vencer também o Colégio Eleitoral de janeiro, mesmo assim o andreazzismo terá pouca sobrevida. Será então Governo e não propriamente “partido” e a exemplo do modelo atual tende a se “esfacular”, submerso no processo de sua própria sucessão no poder. Na hipótese contrária, de derrota na convenção, a sina, vai empurrar antecipadamente, em decisões por blocos estaduais ou até mesmo isoladas, pessoais, os pedaços desse segmento para os braços da aliança democrática ou de Maluf. E, em ambos, a digestão será automática.

Enfim, na tessitura do novo quadro partidário, muita coisa pode acontecer. Mas o que os andreazzistas podem fazer de melhor, agora, é observar a teia que surge para já detectar o seu canto. Cada qual no seu mas nem sempre. Alguns, mais uma vez, no dos outros.

ELIANE CANTANHEDE

Coordenadora de política da Sucursal do JB em Brasília.